

## 1

**O início: uma busca em espiral ou uma judia *ashkenazi* autofágica perdida em terras literárias**

Embora esta introdução seja um início, sabe-se que muito freqüentemente ela é escrita quando se termina o percurso. Este trabalho que por ora se finaliza e se abre para leitura apresenta uma dupla entrada: por um lado, possui, inicialmente, um objeto de estudo definido, na melhor tradição científica dos estudos literários; por outro, é um trabalho que fala de si próprio e de seus movimentos, seus avanços e recuos. Ao dobrar-se sobre si, a tese, a princípio, acabou por turvar a primeira entrada e revelar, em sua escritura, sua própria autora.

Dessa forma, esta é uma introdução que contém mais do que informações panorâmicas e iniciais, devendo ser lida como uma espécie de primeiro capítulo, no qual o privado e o público se mesclam. A introdução pode ser vista, também, como uma espécie de manifesto. O menos desejado nesta tese é encobrir a voz subjetiva e criativa (porque produz) que fala. Se inicialmente ela disputou espaço com os escritores estudados, essa fase foi superada por outra mais equilibrada, focada nos autores, que, para ser plenamente levada a cabo, exigia uma purgação das motivações da pesquisa.

O tema central desta tese seria, inicialmente, a tensão dos componentes judaico e brasileiro nas obras de Samuel Rawet, Moacyr Scliar e Cíntia Moscovich. Após o Exame de Qualificação, em que apresentei interpretações iniciais sobre os autores enfocados, percebi que a questão literária parecia me escapar. Eu pecava por interrogar os autores para deles obter a construção identitária com a qual mais me identificaria. Eu os usava para solucionar conflitos pessoais, dúvidas e anseios sobre minha própria construção identitária judaica e minha relação com a tradição e a ruptura. Eu era, realmente, como nomeei uma monografia, uma judia *ashkenazi* autofágica perdida em terras literárias que estava em uma busca em espiral por uma identidade judaica<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> No final de 2005, no curso de Pós-graduação da Professora Marília Rothier Cardoso, realizei a monografia “Busca em espiral por uma identidade judaica ou uma judia *ashkenazi* autofágica perdida em terras literárias”. Posteriormente, o trabalho foi apresentado no Congresso da

O estudo se concentrou na questão da identidade judaica com tamanho ardor que os escritores que compõem o meu *corpus* ficaram em segundo plano. Eu buscava, por motivos pessoais, diferentes construções dessa identidade, e interrogava Samuel Rawet, Moacyr Scliar e Cíntia Moscovich, esperando pelo que teriam a me dizer. Ou seja, a princípio, a pergunta não era literária, mas a resposta o era.

Dessa primeira etapa, que durou quase três anos da pesquisa, guardo a certeza de que separar o pessoal do acadêmico é deveras complicado e de que não devemos tentar esconder essa dificuldade. Julgo que todo estudo, conquanto gere prazer, apresenta igualmente aspectos penosos. A investigação literária também é um combate e deve criar uma escrita ativa e não passiva. Assim, considero minha voz neste trabalho uma escrita que espreita e enfrenta outras escritas.

Dessa certeza veio uma percepção clara, translúcida: o interesse pelos autores aqui estudados reside justamente na relação que mantêm entre o judaísmo e a escrita. Dessa forma, a procura por expressões da identidade judaica passou a se colocar de outra forma; a pergunta, ao incluir a escrita, saiu do plano praticamente pessoal para se configurar como pergunta acadêmica.

Enxergar a escrita como lugar de construções e desconstruções, de negociações e reneгаções, leva ao seguinte questionamento: o que os escritores e o judaísmo fazem nesse espaço da escrita? O que é ser escritor e ser, também, judeu? Dessa forma, saí do plano em que apenas tentava responder até que ponto a tradição judaica ou a subversão (e até mesmo negação) judaica eram expressas nesses autores para um lugar mais complexo em que a escrita é pensada em primeiro lugar, para depois servir como espaço da inscrição das tradições e das traições (ou traduções)<sup>2</sup>. A escrita não é o receptáculo de uma identidade, registrando o que já existe em plenitude; ela é a fonte criadora, geradora – talvez a grande descoberta que fiz.

Dessa forma, enxergo os escritores que ora estudo como judeus *em* suas escritas, *por causa* das suas escritas. A escrita os cria, ao menos para nós, leitores. É a escrita que também cria a tradição e suas traduções e traições. A escrita gera e perpetua o judaísmo, desde as tábuas da lei até meus escritores

---

ABRALIC de 2006 e publicado na Revista Escrita. O significado dessa expressão pouco convencional do título, judia *ashkenazi* autofágica, será esclarecido ao longo desta introdução. Apesar da semelhança dos títulos, a monografia não corresponde a esta introdução.

<sup>2</sup> *Tradução, traição e tradição* são termos a serem esmiuçados no Glossário.

escolhidos. Utilizo, primeiramente de maneira ingênua, posteriormente de maneira crítica, a mitologia da cultura judaica com base na palavra.

Assim, antes de desvendar se os escritores são partidários desse ou daquele judaísmo, se expressam essa ou aquela visão sobre o judaísmo, considero-os como detentores da tarefa de escrever e traduzir ao mesmo tempo. É nesse processo que eles se fazem judeus, para além de suas vivências concretas. O campo da escrita é, para eles, a dupla e paradoxal possibilidade de dar continuidade à tradição e de traduzi-la, modificá-la, criando, nesse fazer, a sua imagem peculiar de judeu, a qual depende, em certa medida, da imagem de escritor.

Acredito que esse é um enfoque aplicável, a princípio, a qualquer autor pertencente a qualquer tradição. Esta pesquisa se debruça, especificamente, sobre Samuel Rawet, Moacyr Scliar e Cíntia Moscovich, e sobre a tradição judaica. Resta saber que espécie de substância os três absorvem do judaísmo, que forma a ela conferem e, conseqüentemente, que forma ela confere ao três enquanto escritores. Mas penso que teremos tempo. A jornada mal começou e é próprio de todo autor manter um suspense sobre suas descobertas.

O percurso se iniciou no final de 2005, em meio a indagações sobre como dar prosseguimento à minha pesquisa de doutorado. No início desse ano, entrei no programa de doutorado em literatura brasileira da PUC-Rio com a intenção de estudar Moacyr Scliar e Isaac Bashevis Singer. De certa forma, era um prosseguimento da lógica comparativa aplicada no mestrado, quando estudei Guimarães Rosa e James Joyce, dois autores de minha preferência que se colocavam como um desafio. Autores de uma envergadura que assustava – e o objetivo era justamente tirar a aura de inatingíveis que ambos carregam. Todavia, no caso de Scliar e Singer, o objetivo não se extinguia como literário e acadêmico, ou como fruto de uma admiração de leitora. Não era uma escolha que indicava apenas o evidente: amor pela literatura, paixão já concretizada com graduação, mestrado, magistério e milhares de horas livres gastas me embrenhando em sebos, bibliotecas, livrarias, lendo e sonhando com o que ler. Dessa vez, o motivo mais evidente da minha escolha parecia ser a questão judaica. Posso dizer que, se Scliar e Singer não fossem judeus, não me interessariam naquele momento como objeto de pesquisa.

Assim, embutida na minha escolha de autores havia a intenção primeira de estudar literatura judaica. Ou literatura escrita por autores judeus, já que o termo *literatura judaica* é de difícil definição. Literatura que trouxesse

explicitamente temas judaicos, ou que implicitamente me revelasse uma visão de mundo que eu reconhecesse como judaica. Ou literatura que não abrisse qualquer porta ao universo judaico, mas escrita por um judeu, o que me permitiria perscrutar, procurar minúcias, reminiscências. O elemento judaico se impôs e norteou minha escolha.

Unir literatura e judaísmo foi uma novidade em minha trajetória. A literatura, que sempre esteve no limiar do pessoal e do acadêmico, recebia agora a adição de um fator até então exclusivamente pessoal. A literatura agora era dominada por um componente marcadamente extra-acadêmico, com o qual teria que arcar de maneira acadêmica – isenta? – transformando-o num objeto de estudo. E eis que percebi que não era tão simples como eu pressupunha: estudar autores judeus significa um acerto de contas com a minha própria identidade judaica. A busca não é apenas acadêmica, profissional, intelectual – é também, e profundamente, pessoal e emocional, na medida em que meu elo com um grupo que não o acadêmico fica explícito e comparece à pesquisa: sou pesquisadora e pertencente a uma comunidade científica, mas exibo a ela um laço com a comunidade judaica, algo que teoricamente deveria ficar restrito a uma experiência individual e coletiva *fora* dos muros universitários<sup>3</sup>.

A isso se somava uma contradição: participando de um programa de literatura brasileira, por que me direciono à chamada literatura judaica, que carrega um estigma de marginal, estrangeira? Seriam as duas literaturas excludentes?

Provavelmente não, tal qual faz parte de minha identidade ser judia e brasileira – ou talvez a ordem dos adjetivos deva ser brasileira e judia. Estou num espaço entre fronteiras, um entre-espaço, e é este espaço dúbio, dentro e fora ao mesmo tempo, que constitui meu solo de enunciação. Trata-se, como bem sintetiza o título do livro de Moacyr Scliar e Márcio Souza, de um espaço *Entre Moisés e Macunaíma*<sup>4</sup>. E, como está inscrito no próprio nome de Moacyr Scliar, é uma ponte entre dois mundos: *Moacyr*, nome essencialmente brasileiro, oriundo do romance *Iracema*, de José de Alencar; *Scliar*, sobrenome estrangeiro, estranho aos ouvidos; unidos, formam um terceiro elemento, receptáculo de heranças mescladas.

*Povo do livro* ou *Povo de Deus* – termos que definem os judeus e alvos de constante crítica; objetivamente analisados, o primeiro cria um clichê positivo

<sup>3</sup> Como ainda será discutido em alguns pontos desta tese, a presença do componente pessoal na pesquisa acadêmica é uma forte marca dos estudos contemporâneos na área de Humanas. Contudo, tal conscientização ainda não me era presente na época de ingresso no programa de Doutorado.

<sup>4</sup> Cf. SCLIAR & SOUZA, 2000.

do judeu como culto e o segundo exclui outros povos. *Povo*. Uma idéia que desde a infância nos é transmitida: não seríamos uma religião, mas um grupo mais complexo, que possui outros atributos além do de ordem teológica. *Povo* é um conceito de difícil definição, imbuído de certo orgulho, mas que traz a noção de unidade para um grupo diversificado e espalhado pelos quatro cantos do mundo. Falar de povo é falar de nação, de um grupo que se apreende como um conjunto já edificado e unificado, por costumes, língua, território. São homens que se mobilizam para e em nome da História: não há povo sem tradição.

No caso dos judeus, o conceito de povo é de aplicação irresistível, apesar de discutível e passível de desconstrução. A unidade de língua não é uma realidade. O hebraico permaneceu como língua litúrgica até a criação do Estado de Israel em 1948, e passou por várias transformações para voltar a ser uma língua viva, cotidiana, do século XX. O local geográfico é menos ainda uma referência. Desde que os judeus vivenciaram sua segunda e irreversível diáspora, em 70. D.C., que os dotou de feições variadas ao redor do globo, a unidade territorial findou e não foi retomada até 1948, quando a partilha da Palestina fundou um Estado judeu. Evidentemente, com relação à fundação de Israel, todos os termos que possamos utilizar (*formação, criação, fundação*) e a visão de que o país foi fruto da partilha da Palestina (*partilha* remete a uma divisão igual e pacífica) resultam de um processo de significação que é diferente para a memória judaica e para a memória dos povos árabes. Essa discussão é espinhosa e foge aos meus objetivos defender ou atacar tanto as políticas de Israel quanto as dos palestinos.

Por ora, gostaria apenas de salientar que ser judeu não significa ser israelense, tanto quanto ser israelense não significa ser contra os palestinos. Parece-me que há na opinião pública mundial um apanhado de clichês sobre as figuras do judeu e do árabe, assim como uma tendência a buscar o lado mais justo, como quem escolhe um time pelo qual torcer. O conflito árabe-israelense, com todas as etapas e matizes que os meios de comunicação não capazes de transmitir – e são a esses meios que boa parte da população mundial recorre para se informar sobre a questão –, consiste em mais um exemplo na História de embate entre dois lados que têm razões legítimas e não são capazes de atingir uma solução única. No Brasil, o conflito gera interesse restrito: a comunidade judaica e a comunidade acadêmica são os dois grupos principais atentos ao que passa no Oriente Médio. Normalmente, há uma tendência a identificar o lado israelense com a direita e o lado palestino com a esquerda – uma interpretação reducionista, a meu ver.

Todavia, para o tema desta tese, o mais importante é destacar que a representatividade judaica é tão ou mais legítima fora de Israel do que no Oriente Médio atualmente. Se, há dois mil anos, já havia uma grande diversidade de correntes judaicas – como mostra de maneira bem humorada o filme do grupo britânico Monty Python, *A Vida de Brian* –, após a dispersão a diversidade não é apenas religiosa. Não há uma definição única de o que é ser judeu no século XXI.

De fato, é difícil para um judeu *ashkenazi* (da Europa) enxergar suas semelhanças com um judeu *sefaradi* (da Península Ibérica e regiões da África), e é ainda mais difícil que os dois se identifiquem com os judeus negros, os *Falashas*, uma tribo isolada na Etiópia até o início de 1980, quando foi montada uma gigantesca operação para levá-los a Israel. A essência do judaísmo é difícil de ser definida, se é que ainda podemos falar ingenuamente de *essência*; porém, ela ainda está ligada fortemente à idéia de origem comum, ainda que essa já diste de alguns milênios. Ao se falar em *povo*, as diferenças parecem convergir para uma confortadora idéia de pertencimento a uma macro unidade, que superaria a diáspora. Ao se falar de povo, estamos estranhamente buscando uma espécie de consolo para o produto da diáspora: a diversidade irreversível.

A diáspora judaica traz um senso de tristeza, punição, negatividade, como se a dispersão e conseqüente diversidade fossem uma ameaça à sobrevivência do judaísmo. Persiste a idéia de que apenas em Israel se pode ser completamente judeu – e de fato há, entre as *mitzvot* (os mandamentos judaicos), várias que só são realizáveis na terra de Israel. Essa postura liga a identidade judaica a uma suposta unidade, atemporal e principalmente religiosa. Porém, para muito judeus que se consideram como tais, a esfera religiosa passa ao largo do seu senso de pertencimento ao judaísmo. Ser judeu parece carregar um componente que ultrapassa a religião.

Por me considerar uma judia cultural<sup>5</sup>, sempre questioneei muitos aspectos da vivência do judaísmo. Figuras eminentes da comunidade judaica mundial, como o Rabino Steinsaltz, vêem como extremamente negativa, para a continuidade do judaísmo, a identidade que é somente de base cultural<sup>6</sup>. O que é compreensível, visto que o século XX assistiu a uma vertiginosa queda numérica de judeus, em grande parte fruto do genocídio nazista, o Holocausto, a *Shoah*, um evento-limite, catastrófico. Após a *Shoah*, ser um judeu virou

---

<sup>5</sup> Cf. Os verbetes *Identidade*, *Judeu-imaginário* e *Judeu não-judeu* no Glossário.

<sup>6</sup> STEINSALTZ, 2005, p.14-5.

sinônimo de ser um sobrevivente com um compromisso ético de levar avante a História de um povo quase dizimado. Porém, levar avante essa História requer a consciência de que é uma História múltipla, e que a tradição judaica será sempre modificada, o que não coloca em risco sua sobrevivência – antes a possibilita. A destruição catastrófica que a *Shoah* representou é absurda e incompreensível, é um pesadelo da História e uma pulverização em cinzas de um modo de ser e pensar. Porém, o que restou não está a salvo de uma outra espécie de destruição, em outro nível e com outro significado. Um legado, para ser herdado, deve em parte ser destruído.

Essa idéia, aparentemente assustadora, advém das minhas leituras de Jacques Derrida<sup>7</sup> – também um judeu. O judaísmo – seja a religião, a história, a cultura – não pode ficar intacto, não deve.

É preciso uma nova postura: considerar a diáspora não como uma queima de arquivo, mas como um multiplicador de espectros, de possibilidades, de maneiras de ser judaicas. Unificar acaba por ser uma ameaça ao mecanismo de sobrevivência do judaísmo. A *Shoah* – uma queima de arquivo bárbara, para além do poder de representação da linguagem – significou a destruição do antigo universo judaico europeu, e houve uma perda irreversível do legado a ser herdado – porém, o legado restante, ainda assim, não será integralmente herdado. Como já disse Isaac Singer, não é mais possível voltar completamente ao *Shtetl*<sup>8</sup>; é preciso criar algo entre o *Shtetl* e a civilização atual.

Criar esse *algo* é deveras complicado. Tendo minha identidade embasada na cultura, e não na religião ou no sionismo, considero o caminho do questionamento como o único possível para manter o judaísmo vivo. A idéia de que o judaísmo é um conjunto de saberes, leis e atos a serem passados intactos de geração a geração não ecoa na minha experiência judaica. Embora pareça quase uma blasfêmia, acredito que a sobrevivência passa pela transformação, que implica destruição. E pensando na destruição como mecanismo de sobrevivência, e não como ameaça à sobrevivência, veio-me o termo *autofagia*<sup>9</sup>.

Dessa forma, defino minha identidade judaica como autofágica: sou uma judia que se autodeglutiu na medida em que realizei um trabalho de herança e fui capaz de herdar, por ora – porque o trabalho de herança não finda, é constante, tal qual a construção da identidade –, elementos como a *Magen*

<sup>7</sup> Várias obras de Derrida foram estudadas e conceitos como *arquivo*, *herança* e *espectro* serão desenvolvidos no Glossário.

<sup>8</sup> *Shtetls*: aldeias judaicas que existiam no leste Europeu, em que a vivência judaica ficava isolada e preservada

<sup>9</sup> *Autofagia*: verbete a ser desenvolvido no Glossário.

*David, a hamsa, a mezuzá, o guefilte fish, algumas datas judaicas, como o Pessach e o Rosh Hashaná, o terror, a perplexidade e a curiosidade mórbida pela Shoah, bem como o senso de ser uma sobrevivente; algumas idas esporádicas à sinagoga no Shabat, várias lembranças emotivas de uma viagem a Israel, curiosidade sobre a História judaica, disposição infinita para debater sobre o conflito palestino-israelense... e uma fascinação por literatura escrita por judeus. Sou uma judia não-judia ou uma judia imaginária<sup>10</sup>?*

Nessa trajetória de estudo é difícil não se sentir entre dois mundos. *Brasil e judaísmo* são colocados nos estudos sobre autores judeus como os dois mundos com os quais os escritores teriam que lidar. Mas judaísmo e Brasil não são termos de natureza semelhante. O Brasil é um país, enquanto que o judaísmo é uma religião/cultura, sem terra própria por dois milênios; mesmo a criação do Estado de Israel não reunificou a diáspora, e nem seria capaz, visto que para muitos judeus a questão do solo pátrio como fundador da identidade de povo foi se esmaecendo durante tantos séculos. O Brasil é um território concreto, em que um povo múltiplo se formou ao longo de cinco séculos, enquanto que o judaísmo é território abstrato, que se desloca e se sobrepõe em muitos solos concretos. Esses dois elementos de peso diferente estão em relação e simbiose para formar o autor judeu da diáspora que escreve em português do Brasil, mesclando sua herança judaica selecionada e sua experiência como brasileiro.

Assim, os caminhos da literatura me levaram novamente para meus questionamentos. Inicialmente, estudava autores judeus para estudar a mim mesma, como buscando encontrar neles o elemento autofágico que me parece fundamental e que me define como judia. Ver em autores judeus modernos – e não na Torá – a chave para uma compreensão da minha identidade judaica já é um aspecto autofágico. Porém, desejo, para além disso, descobrir o que acontece entre a escrita e o judaísmo nesses escritores. Acredito que, assim como sou *traduzida*<sup>11</sup>, fruto de um processo *tradutório*, as obras dos autores escolhidos consistem em diferentes tipos de *traduções* do judaísmo para o contexto atual e brasileiro. A tradução é, sob esse prisma, uma escrita especial e paradoxal, pois cria algo já existente e ao mesmo tempo inédito – a tradução é cópia, mas igualmente criação.

Samuel Rawet, cuja obra estava esquecida até meados de 2004, quando seus contos e novelas foram publicados em coletânea, é um escritor do qual

<sup>10</sup> Dois termos a serem desenvolvidos no Glossário.

<sup>11</sup> *Tradução* será um verbete do Glossário.

tomei conhecimento na própria entrevista para ingressar no programa de Doutorado da PUC-Rio. Moacyr Scliar é o escritor judeu mais conhecido e estudado do Brasil, e o mais profícuo, com mais de setenta obras publicadas. Cíntia Moscovich foi um nome sugerido pela minha co-orientadora em um de nossos encontros; o primeiro livro solo da autora data de 1996, o que significa uma carreira literária ainda inicial, mas que revela já uma unidade e uma certeza de continuidade.

Aproximo-me desses autores, leio-os, releio-os, insisto e encontro caminhos. Autores diferentes que unifico pelo judaísmo, cujas possibilidades e nuances tento desvendar. Busco o judaísmo possível, mutante, despido de sua majestade, e ao mesmo tempo confiro a ele cetro e coroa a cada instante. É possível perceber, ao longo da tese, posicionamentos desmistificadores seguidos por uma paixão pela origem e por um desejo (impossível?) de que a tradição fosse preservada de maneira intocável. Típicos movimentos paradoxais de quando tentamos estudar um objeto do qual não temos distanciamento necessário. Nesse universo milenar e no meu universo de três décadas, sensações, desejos, informações e hipóteses movimentam-se e escrevem respostas. Ou mais perguntas.

Esperamos o Messias, esperamos as respostas; enquanto nem um nem outro chega (chegarão um dia?), temos todo o tempo e tormento para viver as perguntas, a espera, a busca. Já disse Walter Benjamin que não há Messias enviado do céu, mas sim que o Messias somos nós: cada geração possui uma parcela de poder messiânico e deve se esforçar por exercê-lo.

Feito esse exorcismo, passemos à estrutura desta tese.

O segundo capítulo, no qual freqüentemente discutimos pressupostos teóricos, segue a tradição com relação ao conteúdo, mas não à forma: as bases teóricas são discutidas na estrutura de glossário, oferecendo uma teia conceitual de maneira pouco convencional, porém de intenção didática. Conforme justificarei, é a maneira mais eficiente para lidar com os conceitos valiosos para esta pesquisa. O glossário contém 17 termos que conduziram e sustentaram minhas reflexões e poderia ser menos ou mais extenso; ele pode parecer redundante em certos momentos, ao mesmo tempo em que não esgota toda a rede conceitual presente na pesquisa. Todavia, é o produto das conexões entre os termos que formou minha base teórica inicial, e é essa que ofereço ao leitor. Há um desejo de que o leitor possa percorrer os mesmos caminhos que

atravessei na ordem em que o fiz, sempre que me parecer essa uma opção mais interessante do que a re-arrumação que apaga as pegadas.

O terceiro capítulo, sucinto, é intermediário e situa o leitor com relação à proposta da tese, após a leitura um tanto helicoidal do glossário. O capítulo tece considerações preliminares sobre os escritores e propõe abordagens iniciais, sendo que sua terceira parte pode ser considerada uma demonstração de como *não* estudar os escritores. Essa é uma parte que, sob uma ótica ortodoxa, poderia ser excluída. No entanto, sua permanência obedece a uma opção específica de não apagar caminhos de estudo, sob a justificativa de que, ainda que não perfeita e vitoriosa, constitui uma construção de conhecimento.

Os quarto e quinto e sexto capítulos contêm as análises específicas das escritas de Samuel Rawet, Moacyr Scliar e Cíntia Moscovich. Esses capítulos, embora façam as mesmas indagações às obras dos autores, possuem extensões e estruturas diferentes, de maneira a fazer não com que o autor se adapte à tese, mas, na medida do possível, que a tese se adapte aos autores e às suas potenciais respostas. Com base em textos selecionados, investigarei os mecanismos da escrita que formam (ou deformam) a imagem desses autores como judeus. O objetivo não é comprovar que os autores produzem uma escrita que os identifica como judeus na vida real. A hipótese é mais sutil: demonstrar como a escrita cria uma determinada imagem daquele autor como judeu, independentemente dessa imagem corresponder à realidade. Como os textos desses autores constroem e desconstróem determinada imagem de escritor e em que medida essa imagem de escritor está ligada à imagem do judeu são as questões propostas.

Essa união entre ser escritor e ser judeu pode se dar de dois modos na tessitura literária: por uma identificação dessa imagem do escritor como oriundo do judaísmo, o que o torna uma espécie de porta-voz desse legado e passível de ser colocado no rótulo *literatura judaica* (para o bem ou para o mal), ou por uma identificação com a crença nas relações estritas entre escrita e judaísmo, crença ligada ao mito dos judeus como *povo do livro*. Esses dois modos estão interligados, mas não são equivalentes. É como se cada autor correspondesse a um personagem de si próprio. Tal construção da *persona* literária e judaica acontece em textos considerados ficcionais, porém fica mais evidente em textos autobiográficos e em textos ambíguos que mesclam a voz ficcional e a biográfica – ainda que essa diferenciação seja discutível e possamos nos perguntar se é possível um texto totalmente ficcional ou biográfico.

Dito isso, são necessários alguns esclarecimentos e ressalvas.

A tese é composta em rede, no sentido de que muitos pontos estão interligados e só formarão a idéia final em uma vista mais aérea, digamos. Dessa forma, embora a leitura seja linear, é preciso talvez certa paciência para esperar as informações que irão sendo descortinadas e interligadas aos poucos. Como em um romance de suspense, apenas mais próximos do final começamos a ter respostas mais consistentes. A aproximação entre *tese* e *romance de suspense* advém da crença de que não é apenas a linguagem objetiva e a obediência às normas que possibilitam a construção do saber em nossa área de estudo. O estatuto da ciência do século XX e XXI permite maior flexibilidade na produção de conhecimento, o que se configura como um chamado sedutor para tentativas menos ortodoxas, desejosas de seguir um caminho próprio.

Com relação à formatação, gostaria de fazer uma observação. Como optarei por uma escrita que deseja se entremear com as escritas estudadas, talvez até mesmo se confundir com essas, darei preferência, por razões estéticas, ao itálico para citações. Apesar de ciente das normas, o itálico serve aos meus propósitos de misturar as escritas, enquanto que as aspas parecem criar uma cisão, para mim indesejável neste trabalho. Quando citações mais longas se fizerem necessárias para que o texto dos autores seja lido de maneira destacada, seguirei as normas de fazê-las à parte, ainda que usando o itálico, para manter uma unidade visual.

O ano de publicação dos livros que constam ao final, nas Referências, é relativo às edições a que tive acesso. Sempre que houver necessidade de informar, para melhor contextualização, o ano da primeira publicação, o mesmo aparecerá no próprio texto da tese.

A busca começa. Que voz judia essas escritas brasileiras inventam e nos oferecem como produto ambíguo de um jogo que esfumaça o limite entre autor e narrador? É essa questão que guia este trabalho, e outra maneira de colocá-la é: quem são esses escritores *escritos* no limiar impreciso entre dois mundos? Nesses espaços flutuantes de realidade e ficção e de culturas mescladas, busco os elementos em atrito que, tal qual barro, erigiram golens literários que tanto protegem quanto assombram o legado ancestral – e é esse movimento paradoxal que funda a vitalidade das obras desses autores.